

2^o CICS

CONGRESSO
INTERNACIONAL
CIÊNCIA E SOCIEDADE

Educação e Pesquisa como
caminho para pacificação global

TRABALHOS
PREMIADOS
2025



CENTRO UNIVERSITÁRIO
SANTO AGOSTINHO





TRABALHOS PREMIADOS 2025





CENTRO UNIVERSITÁRIO SANTO AGOSTINHO – UNIFSA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
DIRETORIA DE ENSINO
NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES ACADÊMICAS - NPA

Supervisão Editorial: Ana Kelma Cunha Gallas
Diagramação: Edson Rodrigues Cavalcante
Design Gráfico e artes: Ana Kelma Cunha Gallas
Capa: Odrânio Rocha
TI OMP Books: Eliezyo Silva



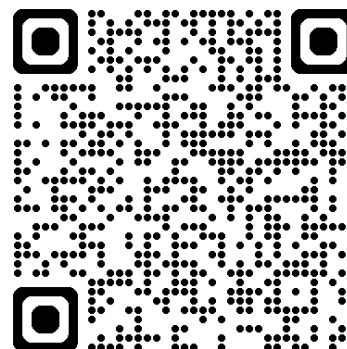
LESTU EDITORA, CONSULTORIA E
COMUNICAÇÃO LTDA
Contato: editora@lestu.org
Site: www.lestu.com.br
Livraria: www.lestu.org

Este título possui uma licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives* 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0).

A íntegra dessa licença pode ser acessada:
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/legalcode.pt>

© 2025 UNIFSA/LESTU

Todos os capítulos deste livro foram submetidos, aprovados e apresentados no 2º Congresso Internacional Ciência e Sociedade, realizado pelo Centro Universitário Santo Agostinho de 4 a 8 de novembro de 2025, sendo selecionados como os melhores trabalhos apresentados em Grupos Temáticos do evento.



FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T279 GALLAS, Ana Kelma Cunha; GOMES, Alisson Dias; CRONEMBERGER, Izabel Herika Gomes Matias; LIRA E SILVA, Antonieta; OLIVEIRA, Edjôfre Coelho de; SILVA, Indira Maria de Melo Lira Pereira da (ORGs.).

Trabalhos premiados no 2º Congresso Internacional Ciência e Sociedade: Educação e Pesquisa como caminho para a pacificação global. Teresina: Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA); Editora Lestu, 2025.

432 p. *online*.

ISBN: 978-65-85729-14-7

DOI: doi.org/10.51205/lestu.978-65-85729-14-7

Disponível em: <https://lestu.org/books/>

1. Congresso Internacional Ciência e Sociedade. 2. Pesquisa. 3. Inovação. 4. Sustentabilidade. 5. Ciência e Sociedade. I. Autores. IV. Congresso Internacional Ciência e Sociedade (2. : 2025 : Teresina, PI).

CDD: 370

21

PRÁTICAS DE ACESSIBILIDADE DA PSICOLOGIA COM PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS AUDITIVAS E VISUAIS: RESULTADOS PARCIAIS¹

*ACCESSIBILITY PRACTICES IN PSYCHOLOGY WITH PEOPLE WITH HEARING AND VISUAL
IMPAIRMENTS: PARTIAL RESULTS*

Iza Coutinho Morais de Oliveira Sabino – UNIFSA²

Lavínia Nascimento Barros Araújo – UNIFSA³

Maria Clara Ferreira Silva – UNIFSA⁴

Leylanne Martins Ribeiro de Souza – UNIFSA⁵

¹ Trabalho apresentado no GT 33 NEURODIVERSIDADE E INTERSECCIONALIDADE, CAMINHOS PARA A INCLUSÃO SOCIAL do 2º Congresso Internacional Ciência e Sociedade (2º CICS 2025), promovido pelo Centro Universitário Santo Agostinho, de 04 a 08 de novembro de 2025, em Teresina-PI.

² Graduando(a) em Psicologia pelo Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA).

³ Graduando(a) em Psicologia pelo Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA).

⁴ Graduando(a) em Psicologia pelo Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA).

⁵ Mestre e Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGpsi) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professora do curso de psicologia do Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA).

RESUMO

O atendimento psicológico a pessoas com deficiência auditiva e visual no Brasil configura-se como uma demanda contínua, mas ainda marcada por lacunas na prática profissional. Entre os principais desafios, destacam-se a insuficiente capacitação acadêmica e a baixa utilização de recursos acessíveis, o que pode comprometer a efetividade do acompanhamento psicológico. Este estudo tem como objetivo identificar os métodos mais utilizados por psicólogos na promoção da acessibilidade e compreender as justificativas que orientam suas escolhas. Para isso, adota uma abordagem exploratória, de caráter quanti-qualitativo, utilizando questionário on-line com 21 questões, destinado a psicólogos cadastrados no CRP que atuam com esse público. A pesquisa também busca refletir sobre a relevância do conhecimento acerca dos direitos legais e da vivência cultural das comunidades surda e cega. Pretende-se, assim, contribuir para o fortalecimento da formação inicial em Psicologia, fomentar especializações específicas e subsidiar políticas públicas inclusivas, de modo a garantir um atendimento psicológico mais equitativo, ético e sensível às singularidades das pessoas com deficiência auditiva e visual.

Palavras-Chave: Acessibilidade, Formação Profissional, Equidade em Saúde, Deficiências Sensoriais, Saúde Mental.

ABSTRACT

Psychological care for people with hearing and visual impairments in Brazil represents a continuous demand, yet it is still marked by gaps in professional practice. Among the main challenges are the insufficient training provided in academic education and the limited use of accessible resources, which may compromise the effectiveness of psychological support. This study aims to identify the methods most frequently used by psychologists to promote accessibility and to understand the reasons that guide their choices. To this end, it adopts an exploratory, quanti-qualitative approach, applying an online questionnaire with 21 questions, directed to psychologists registered with the CRP who work with this population. The research also seeks to reflect on the relevance of knowledge about legal rights and the cultural background of deaf and blind communities. In this way, it intends to contribute to strengthening undergraduate training in Psychology, fostering specialized education, and supporting inclusive public policies, in order to ensure psychological care that is fair, ethical, and sensitive to the specific needs of people with hearing and visual impairments.

Keywords: Accessibility, Professional Training, Health Equity, Sensory Disabilities, Mental Health.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho possui a finalidade de apresentar as possíveis práticas de acessibilidade do psicólogo com pessoas com deficiências auditivas e visuais, além dos desafios impostos para a execução dessa função. Nesse sentido, é notório destacar, como é importante que o psicólogo entenda a realidade e os desafios enfrentados pelo paciente com deficiência auditiva e visual, uma vez que é escasso o conhecimento dos profissionais de psicologia em como inserir pessoas com deficiências auditivas e visuais na prática profissional. Uma das razões disso é a falta de profissionalização para esse tipo de público. Além disso, há um ínfimo reconhecimento da importância de uma integração eficaz para essas pessoas, por parte da sociedade em geral e de instituições de formação de profissionais.

Villela (2008) ressalta que a exclusão das pessoas com deficiência visual ainda é uma realidade constante, pois, além do preconceito na própria sociedade, há também ausência de informação e de estudos sobre intervenções e procedimentos com esse grupo social, mesmo sendo uma demanda recorrente. Além disso, a autora pontua a ausência de preparo e o desconhecimento teórico sobre o caso por parte de psicólogos, psicopedagogos, assistentes sociais e professores que acabam perpetuando o preconceito e não acolhendo as pessoas com deficiência visual, possuindo assim, falhas na educação e reintegração. Existem instituições de serviço-escola de psicologia capacitadas ao público, mas ainda são poucas, já que, poucos profissionais se especializam nessa área.

Esta pesquisa pretende buscar alternativas trabalhadas no dia a dia com a deficiência visual e auditiva e que pode ser utilizado como instrumento de acessibilidade no contexto da psicologia. Pessoas com baixa visão podem utilizar programas que ampliam o tamanho das letras, modificam a fonte e o contraste. No entanto, a área da psicologia não utiliza suficientemente essas tecnologias, como também, os recursos que podem ser utilizados na avaliação psicológica (Oliveira & Nunes, 2015).

Ritterbusch, Maffini e Gonçalves (2021) pontuam a importância da inserção da libras em formação profissionais e ressalta que diante das inúmeras dificuldades da comunidade surda na sociedade a psicologia tem papel fundamental para ajudar essas pessoas.

Em virtude disso, esse projeto apresenta discussões sobre a falta de políticas públicas, como também a escassez de profissionais capacitados para os cuidados necessários com pessoas com deficiências auditivas e visuais.

METODOLOGIA

Para esta pesquisa utilizou-se pesquisa exploratória de revisão bibliográfica e aplicação de questionário de pesquisa quantitativa e qualitativa. A área de estudo cotada para pesquisa foi online, com questionários enviados pela plataforma Google Forms. O questionário foi composto por 21 perguntas de caráter objetivo e subjetivo, conforme consta na tabela no anexo 1. A pesquisa foi iniciada no segundo semestre de 2023 e segue atualmente na etapa de análise de dados. Foi estabelecido como critério de inclusão profissionais da psicologia cadastrados no CRP que atuem com pessoas com deficiência auditiva e visual e, como critério de exclusão, profissionais da psicologia que não atuam na área, ou que não atuam com pessoas com deficiência auditiva e visual. Os profissionais que atuam só com um desses públicos (deficiência auditiva ou deficiência visual) foram direcionados no questionário para as perguntas a respeito do seu público.

Participaram como amostra deste estudo 31 psicólogos brasileiros cadastrados no CRP, a amostra foi selecionada de forma não aleatória, caracterizando-se como não probabilística por conveniência. Esta técnica é chamada de “Snowball”, é conceituada como uma técnica que depende de redes de referência, na qual pessoas, que se enquadrem nos critérios de inclusão, são convidadas a participar da pesquisa. É uma estratégia útil quando há a necessidade de abordar questões de natureza privada, ao identificar informantes por meio do conhecimento das pessoas já inseridas nos grupos pesquisados. (BOCKORNI; GOMES, 2021)

Os dados para a pesquisa foram coletados por meio de questionário online com os psicólogos participantes. Todos tiveram as informações protegidas pela Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Os dados obtidos foram guardados em HD externo e estão em posse única da pesquisadora responsável até a conclusão e publicação desta. Além dos participantes serem representados por números para manter a confidencialidade de suas identidades.

Os participantes leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual garante a proteção dos dados disponibilizados. Além disso, por se tratar de uma pesquisa com seres humanos, o projeto foi submetido e aprovado ao Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário Santo Agostinho (CEP/UNIFSA), número CAAE: 74719123.9.0000.5602, de acordo com o que é estabelecido nas Resoluções nº 466/2012 e

nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde(CNS/MS).

A pesquisa foi desenvolvida com rigor metodológico, destacando suas propriedades psicométricas. Utilizando uma abordagem exploratória, a revisão bibliográfica fundamentou a construção do questionário, que abrangeu 21 perguntas, sendo 13 perguntas de caráter objetivo e 8 perguntas de caráter subjetivo, permitindo uma análise abrangente dos fenômenos estudados. A aplicação online, via Google Forms, facilitou o acesso e a coleta de dados, resultando em 31 respostas, o que, apesar de ser uma amostra reduzida, possibilita levantar hipóteses sobre o tema. A validade do instrumento foi avaliada por meio de análises de conteúdo e constructo, assegurando que as questões abordam adequadamente os construtos teóricos em questão (procura por instrumentos utilizados e práticas realizadas com pessoas com deficiência auditiva e visual).

RESULTADOS PARCIAIS E DISCUSSÃO

ANÁLISE PARCIAL DOS DADOS QUANTITATIVOS

Tabela 1. Perfil de psicólogos que atendam pessoas surdas, cegas ou com baixa visão por região						
Nº de participantes	Nº de respostas	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
31	29	1	8	10	4	6

Tabela 2. Local de atuação de psicólogos que atendam pessoas surdas, cegas ou com baixa visão						
Nº de participantes	Nº de respostas	Clínica	Rede de Atenção à saúde	Escolar	Universidade	Organizacional
31	31	22	2	5	4	4

Tabela 3. Quantidade de psicólogos que atendem pessoas surdas, cegas ou com baixa visão, e que utilizam ferramentas de acessibilidade			
Pergunta	Sim	Não	Nº de participantes
Psicólogos que usam a língua de sinais	29	2	31
Psicólogos que atendem ou já atenderam pessoas surdas	28	3	31
Psicólogos que utilizam o Braille	0	31	31
Psicólogos que atendem ou já atenderam pessoas com cegueira ou baixa visão.	20	11	31

A Tabela 1 mostra que a maior parte dos psicólogos participantes da pesquisa está concentrada no Sudeste (10) e no Nordeste (8). Depois vêm o Centro-Oeste (6) e o Sul (4), enquanto o Norte aparece com apenas um profissional. Esses números deixam claro que há uma desigualdade regional na oferta de atendimento. Regiões mais populosas e com maior número de instituições de ensino acabam formando e concentrando mais psicólogos, enquanto áreas como o Norte ficam descobertas, o que pode dificultar o acesso de pessoas surdas e cegas a serviços psicológicos. Essa diferença reforça a importância de pensar em políticas que descentralizem o atendimento e favoreçam a interiorização dos serviços.

Na Tabela 2, observa-se que a maior parte dos psicólogos atua em clínicas privadas (22). Já a presença na rede pública de saúde (2) é bem pequena, e em outros contextos aparece de forma mais equilibrada: escolas (5), universidades (4) e organizações (4). Isso mostra que, mesmo existindo profissionais que atendem em diferentes espaços, o atendimento acessível para pessoas com deficiência auditiva e visual ainda acontece principalmente no setor privado. Essa predominância pode ser uma barreira, já que muitas pessoas que dependem do SUS acabam encontrando pouca oferta de psicólogos capacitados para atendê-las. Por outro lado, a presença, mesmo que menor, em escolas e universidades mostra que há caminhos possíveis para ampliar esse tipo de serviço em ambientes coletivos e de maior alcance social.

ANÁLISE PARCIAL DOS RESULTADOS QUALITATIVOS

A respeito dos psicólogos que trabalham com o público de pessoas com surdez, os participantes demonstraram dificuldade em relatar os instrumentos específicos que são utilizados na psicoterapia. No mais, descreveram o uso de papel, argila, arames, trabalhos com pintura, ferramentas tecnológicas, materiais lúdicos, além da própria língua brasileira de sinais. A inserção da libras em formação profissional é defendida por aqueles que usam em seus atendimentos, como crucial para uma boa formação profissional, segundo (Ritterbusch; Maffini; Gonçalves, 2021). A formação em libras é importante e, diante das inúmeras dificuldades da comunidade surda na sociedade, a psicologia tem papel fundamental para ajudar essas pessoas, além de ser algo, também, aprovado em lei com a Política Nacional de Educação Inclusiva. No entanto, ainda não ocorre de forma satisfatória. Na política educacional inclusiva, deve-se garantir a Libras como meio de comunicação e como meio para a educação bilíngue, no qual essa perspectiva deveria ser obrigatório em todas as escolas (Lacerda; Santos; Martins, 2016).

Relata-se, também, a dificuldade de acesso das pessoas com surdez aos serviços de atendimentos psicológicos, mostrando uma visão mais crítica e social a respeito das oportunidades ofertadas para esse público, além de uma visão crítica da própria psicologia clínica, a qual há discussões que a remetem a contextos mais elitistas. Nessa perspectiva, cabe pensar na facilitação dessas pessoas a esses serviços, como afirma Romano e Serpa Júnior (2021) que discutem as diferentes formas de comunicação que podem ocorrer no atendimento de pessoas surdas em serviços de saúde mental. Já com os profissionais que trabalham com pessoas com deficiência visual, notou-se que um menor número de intervenções com instrumentos específicos, mas dentre os relatados são citados: recursos ampliados, com textura, soroban, audiodescrição.

Portanto, com os dados obtidos até agora, nota-se uma mudança menor do setting terapêutico para o acolhimento dessas pessoas e, também, em outras áreas da psicologia, para além da clínica. Ademais, percebe-se a ausência e a necessidade de maiores estímulos sensoriais, como acontece na área pedagógica: ações voltadas para o estímulo do movimento do corpo. Essas ações geram uma familiaridade com o ambiente, além de uma maior socialização (Souza, 2012). Seguindo a lógica da autora, é possível a psicologia fazer uso desse conhecimento para uma prática mais integradora e eficaz.

Uma hipótese dessa conclusão pode ser o fato de que quando os profissionais percebem que a limitação é apenas visual, o uso de materiais específicos ou busca por conhecimento no tema não é tão necessária porque a língua falada não está comprometida. Essa escassez se dá pela falta de conhecimento das tecnologias existentes, de acordo com Oliveira e Nunes, 2015, há recursos tecnológicos voltados para as pessoas com deficiência visual e que podem ser utilizados na avaliação psicológica, por exemplo.

O desenho universal pode ser utilizado tanto no processo de adaptação e desenvolvimento de testes psicológicos, como no delineamento dos processos avaliativos em toda sua profundidade. Porém, a área da psicologia não utiliza suficientemente essas tecnologias (Oliveira;Nunes, 2015). Nesse sentido, entende-se que essas práticas devem ser disseminadas e oficializadas como papel de todo psicólogo, como defende Barreto e Vilas Bôas (2021), o Conselho Federal de Psicologia deve investir em meios eficazes para incentivar o conhecimento acerca das pessoas com deficiência.

Há encontros nas falas de experiências pessoais dos profissionais que trabalham com esses públicos. A maioria dos participantes relatam algo em comum: dificuldade de comunicação, falta de materiais de apoio e formações mais específicas. Além da falta de profissionais mais especializados para uma supervisão clínica. No mais, os participantes relataram como principal para um bom acolhimento o estabelecimento de um rapport efetivo com os pacientes com deficiência auditiva e deficiência visual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados analisados sugerem que apesar da existência de legislações e diretrizes voltadas à garantia de direitos das pessoas com deficiência auditiva e visual, a prática psicológica ainda enfrenta desafios significativos no que se refere à acessibilidade. Observou-se que alguns profissionais utilizam recursos como a Libras, materiais adaptados, atividades lúdicas e tecnologias digitais, porém a aplicação dessas estratégias depende, em grande parte, da iniciativa individual do psicólogo, evidenciando lacunas na formação acadêmica e na capacitação institucional.

Em relação ao atendimento de pessoas com deficiência visual, o conhecimento sobre o Braille e outros instrumentos específicos ainda é limitado, o que compromete a plena inclusão desse público nos serviços psicológicos. Já no atendimento a pessoas surdas, apesar

de maior familiaridade com a Libras e com estratégias comunicacionais adaptadas, persistem dificuldades relacionadas à comunicação efetiva, à disponibilidade de intérpretes e à adaptação das técnicas psicológicas às especificidades culturais e sensoriais desses indivíduos.

Esses resultados reforçam a necessidade de ampliar a qualificação profissional, incorporando práticas que integrem recursos tecnológicos, metodologias adaptadas e estratégias culturais de acolhimento, de modo a tornar o atendimento psicológico mais inclusivo, efetivo e sensível às demandas específicas de cada grupo. Além disso, evidencia-se a importância de aproximar teoria e prática, garantindo que os direitos das pessoas com deficiência auditiva e visual sejam acessíveis de forma concreta, respeitando a diversidade, promovendo a equidade e fortalecendo a participação social desses indivíduos.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, C.; VILAS BÔAS, L. Além do psicodiagnóstico: práticas inclusivas a partir da avaliação psicológica / Beyond psychodiagnosis: inclusive practices based on psychological assessment. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 15372–15389, 2021. DOI: 10.34117/bjdv7n2-249. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/24633>. Acesso em: 8 sep. 2025.
- BOCKORNI, B. R. S.; GOMES, A. F. A Amostragem em Snowball (Bola De Neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. **Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR**, v. 22, n. 1, 2021.
- LACERDA, C.; SANTOS, L.; MARTINS, V. **Escola e diferença: caminhos para educação bilíngue dos surdos**. São Carlos: EduFSCar, 2016.
- OLIVEIRA, C. M.; NUNES, C. H. S. DA S.. Instrumentos para Avaliação Psicológica de Pessoas com Deficiência Visual: Tecnologias para Desenvolvimento e Adaptação. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35, n. 3, p. 886–899, jul. 2015.
- RITTERBUSCH, C.S; MAFFINI, G; GONÇALVES, C.S. Equidade e saúde mental: desafios do trabalho do psicólogo com as pessoas surdas. **Research, Society and Development**, v.10. Abril, 2021.
- ROMANO, B.; SERPA JR, O. D. DE . Singularidades da comunicação no encontro de pessoas surdas e profissionais de saúde mental. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 31, n. 2, p. e310208, 2021.
- SOUZA, R. de. C. S. **Educação Inclusiva e Deficiência Visual**. [S.l.]: Criação, 2012.

VILLELA, E.M.B. O papel do serviço-escola de psicologia no atendimento ao deficiente visual. **Estudos de Psicologia**. Campinas, 2008.

ANEXO 1

PERGUNTAS OBJETIVAS
Onde você reside? (estado)
Qual o seu local de atuação? (clínica; rede de atenção à saúde - RAPS (CAPS, UBS, ambulatório, hospital); escola; universidade ; organização ou empresa ; esporte; organização não governamental (ONG))
Qual a sua abordagem de atuação?(Análise do Comportamento; Teoria Cognitivo comportamental; Psicanálise; Gestalt- terapia; Abordagem Centrada na Pessoa; Psicodrama; Outra)
Quanto tempo de formado (anos)? (0 a 1; 1 a 3; 3 a 5; 5 a 7; 7 a 10; 10 ou mais)
Quanto tempo você atua com inclusão (anos)? (0 a 1; 1 a 3; 3 a 5; 5 a 7; 7 a 10; 10 ou mais)
Você conhece a Língua Brasileira de Sinais? (sim; não)
Você utiliza a Língua Brasileira de Sinais em seus atendimentos? (sim; não)
Sua faculdade ofereceu Libras como disciplina na grade curricular?(sim; não)
Já atendeu ou atende pacientes surdos? (sim; não)
Você acha que há inclusão do surdo no ambiente da psicologia? (concordo totalmente; concordo; não concordo nem discordo; discordo; discordo totalmente)
Você conhece o Braille? (sim; não)
Você utiliza o Braille em seus atendimentos? (sim; não)
Já atendeu ou atende pacientes cegos? (sim; não)
Você acha que há inclusão do cego no ambiente da psicologia? (concordo totalmente; concordo; não concordo nem discordo; discordo; discordo totalmente)
PERGUNTAS SUBJETIVAS
Qual(is) curso(s) você fez de capacitação na área da inclusão para atuar com pessoas com deficiência (PCD)?
Caso você possua deficiência visual ou auditiva, comente a sua experiência na formação de psicólogo/a. (opcional)
Quais os materiais de auxílio utilizados no atendimento às pessoas com surdez?
Quais os materiais de auxílio utilizados no atendimento às pessoas com cegueira ou baixa visão?
Como você avalia sua experiência no atendimento psicológico a pessoas com deficiência auditiva e visual?
Quais sugestões você indica para melhoria do atendimento psicológico inclusivo de pessoas com deficiência auditiva e visual?
Qual formação você sugere para pessoas que gostariam de trabalhar com pessoas com deficiência auditiva e visual?



CENTRO UNIVERSITÁRIO
SANTO AGOSTINHO